

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

MOTOKI, Paulo Toshio. Roberto França Domingues e Paulo Motoki (depoimento, 2005). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 20min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre AGÊNCIA NACIONAL DO PETRÓLEO, GÁS NATURAL E BIOCOMBUSTÍVEIS - ANP e AGÊNCIA NACIONAL DO PETRÓLEO, GÁS NATURAL E BIOCOMBUSTÍVEIS - ANP. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Roberto França Domingues e Paulo Motoki
(depoimento, 2005)**

Rio de Janeiro

2020

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Regina da Luz Moreira; Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão;

Levantamento de dados: Regina da Luz Moreira; Sérgio Lamarão;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Regina da Luz Moreira; Sérgio Lamarão;

Técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes;

Local: Brasília - DF - Brasil;

Data: 06/06/2005

Duração: 1h 20min

Fita cassete: 2;

Entrevistas realizadas no contexto do projeto "O petróleo na sociedade brasileira", na vigência do convênio entre o CPDOC/FGV e a Agência Nacional do Petróleo (ANP), entre setembro de 2004 e dezembro de 2006. O projeto visa à elaboração de um livro sobre a história do petróleo na sociedade brasileira, desde seus primórdios até a criação da ANP, no final da década de 1990, com ênfase na legislação elaborada ao longo do período. Estas entrevistas subsidiaram a elaboração do livro "História social do petróleo no Brasil". / Regina da Luz Moreira e Sergio Tadeu Niemeyer Lamarão. Rio de Janeiro: s. e., 2005. Inédito. Roberto Domingues presidiu o Conselho Nacional do Petróleo (CNP), de 1985 a 1990. A escolha de Paulo Motoki se justificou por ter sido membro do Conselho Nacional de Petróleo (CNP) e Assessor do Ministro Delfim Netto para assuntos de petróleo de 1979 a 1986.

Temas: Atividade profissional; Ciência e tecnologia; Combustíveis; Crises econômicas; Delfim Netto; Governo Fernando Collor (1990-1992); Governo José Sarney (1985-1989); Inflação; Ministério da Fazenda; Ministério do Planejamento; Petrobras; Petróleo; Regime militar; Universidade de São Paulo;

Sumário

Entrevista: 06/06/2005 Fita 1-A – Roberto França O governo José Sarney; a campanha “O petróleo é nosso”; a atuação no Conselho Nacional do Petróleo (CNP); as discussões sobre o problema do Petróleo no Brasil; a relação com o General Oziel; o papel dos militares na gerência do CNP; a relação da CNP com a Petrobras; os reajustes mensais dos preços dos combustíveis; a manutenção do poder do CNP herdado do Regime Militar; as iniciativas de racionamento de gasolina; a luta diária diante de uma economia inflacionária; a atuação política da Comissão Nacional de Energia; os programas criados na crise do petróleo; o momento em que a Petrobras ganha mais credibilidade; a crise do petróleo em 1979; os recursos investidos; as tecnologias de exploração; os casos de adulteração na gasolina; a Agência Nacional do Petróleo (ANP); a fama negativa do CNP; o Petróleo e o Governo Fernando Collor. Fita 1-B e Fita 2-A – Paulo Motoki A formação como economista pela Universidade de São Paulo (USP); a atuação como membro do Conselho Nacional do Petróleo (CNP); a atuação como assessor do ministro Delfim Neto; a necessidade de uma sintonia do CNP com o Ministério do Planejamento e o Ministério da Fazenda; a permanência no Ministério do Planejamento no governo José Sarney; a segunda crise do Petróleo; a atuação como membro do conselho e ao mesmo tempo representante; a necessidade de achar um substituto nacional para o Petróleo; o CNP e o Brasil na busca por fontes alternativas; o papel do CNP na implantação do pró-álcool; o papel de distribuição do CNP; a ligação com os revendedores; o papel do Departamento Nacional de Combustíveis; o controle rígido no valor do Diesel; a atuação como Diretor-Geral do Departamento Nacional de Combustíveis (DNC); as grandes preocupações do ministro Delfim; a constituição do CNP; o motivo da DNC durar pouco tempo; a estrutura do DNC; as documentações do DNC; os dirigentes da Agência Nacional do Petróleo (ANP); a Coordenação de Abastecimento; considerações finais.

Entrevista: 06/06/2005

S.L. - Brasília, dia 06 de junho de 2005, projeto Agência Nacional do Petróleo, entrevista com o General Roberto França Domingues e Dr. Paulo Motoki, entrevistadores Regina Luz e Sérgio Lamarão. Bem, vamos começar então pelo General conforme nós já havíamos combinado antes. Nós vamos fazer as perguntas, nós fizemos um roteiro, mais ou menos tentando combinar, não é? Uma pergunta assim só para tirar uma curiosidade minha, o senhor preside o CNP de 85 a 90...

R.F. -... todo o governo Sarney...

S.L. -... todo o governo Sarney. Antes disso o senhor já tinha alguma vivência com a área de petróleo, algum tipo de experiência mesmo que fugaz ou alguma coisa mais superficial?

R.F. – Como todo militar eu acompanhei desde a campanha do “petróleo é nosso” eu acompanhava esse problema do petróleo no Brasil, lia alguma coisa, o General Ernesto Geisel que era um apaixonado do assunto, discutia muito comigo que ele era um profundo conhecedor. Eu quando fui para o CNP eu realmente não tinha conhecimento profundo do assunto, estava algo para assim os grandes problemas que nos tínhamos na época e tive realmente alguma dificuldade no começo porque o CNP trabalhava na área de petróleo, de gás, de carvão, não é? petróleo, gás, carvão...

P.M. -... álcool, não é...?

R.F. -... álcool, então era uma gama vastíssima de assunto, tive alguma dificuldade, mas eu conservei todos os quadros do meu antecessor, o General Osiel, não mudei ninguém, não mudei nem o chefe de gabinete, isso me facilitou muito e, também porque o General Osiel foi extremamente atencioso, me levou pessoalmente a todos, me levou até em uma seção no plenário, fizemos uma seção no plenário juntos, ele fez questão de expor lá, o funcionamento da casa.

S.L. – A sua indicação para o cargo, como é que foi? O Sarney toma posse, o senhor é uma herança do Tancredo ou foi uma indicação do Sarney? do governo..., do primeiro governo civil depois de...

R.F. -... a indicação foi do ministro Aureliano Chaves porque o Conselho Nacional do Petróleo era subordinado ao ministro Aureliano Chaves e no governo do Sarney, quando ele assumiu, o Aureliano tinha muita força, foi um dos patrocinadores da posse do Sarney e o Aureliano como todo mineiro, cauteloso, antes de me convidar falou com uma porção de pessoas, falou inclusive com o então Ministro do Exército, que era o General Leônidas, o Leônidas, nós éramos conhecidos e amigos e me recomendou fortemente, falou com o Geisel, que ele era muito ligado e o Geisel disse: - “eu não tenho nada que ver com a sua nomeação”, ele falou para o Aureliano e falou para mim [risos], - “não tenho nada com a nomeação para essa função”. Mas então foi um convite do ministro Aureliano Chaves, já nomeado Ministro das Minas e Energia...

S.L. -... mantendo uma tradição de militares...

R.F. -... de militares...

S.L. -... na chefia do CNP já que desde décadas, desde a fundação, com alguns interregnos de dirigentes civis, não é?

R.F. – E por que?

S.L. – E, por quê? pois é, uma boa pergunta.

R.F. – Primeiro porque tinha aquela capa de integridade, aquilo que todo militar leva, que nós levamos durante cinco anos, nós não tivemos um caso de corrupção no nível alto, no escalão alto, tinha caso de corrupção em escalões inferiores, fiscal era sacana, aquela coisa toda, que era punido rigorosamente e segundo que era muito mal remunerado, o presidente do CNP era DAS-04, muitíssimo mal remunerado, então era um cargo que não despertava muita ambição dos políticos, eu acho que são as duas..., eu acho que já está bastante explicado.

R.L. – Na época que o senhor assumiu como é que estavam as relações entre o CNP e a Petrobrás?

R.F. – Olha, as relações do CNP com a Petrobrás sempre foram delicadas, porque é o filho que cresceu e que suplantou o pai..., é como Portugal e Brasil [risos]...

S.L. -... nessa proporção mesmo não é...?

R.F. -... nessa proporção mesmo, porque a Petrobrás era a toda poderosa, porque tinha recursos financeiros muito grandes e o CNP não tinha, o CNP tinha recursos orçamentários muito pequenos, então..., mas nós tínhamos na mão uma grande arma: naquela época os preços eram controlados e fixados, e éramos nós no CNP que fixávamos os preços, então a Petrobrás se matinha controlada e eu levei como princípio, aconselhado pelo presidente Geisel, de não brigar com a Petrobrás, não houve nunca, sempre trabalhamos, às vezes tínhamos uma ou outra divergência a ponto de eu pedir para a Petrobrás mandar junto de nós do CNP um representante como se fosse um adito...

S.L. -... da Petrobrás...

R.F. -... da Petrobrás, no CNP que era o doutor, aquele lourinho, bom...

S.L. -... coisa que não havia antes...

R.F. -... nunca tinha havido antes, um engenheiro...

P.M. -... o Frederico...

R.F. -... Frederico. Dr. Frederico era um engenheiro da Petrobrás que ficou muitíssimo nosso amigo...

P.M. -... ele era economista, viu General...?

R.F. -... é, mas era engenheiro também. Nós mantivemos essas relações muito boas, e era uma relação difícil porque naquela época de inflação que chegou a 80% ao mês...

S.L. -... exatamente nisso que nós íamos tocar...

R.F. -... nós tínhamos reajustes mensais dos preços, de todos os preços...

S.L. -... diesel, gasolina, álcool...

R.F. -... álcool, gasolina, gás, tudo, tudo, tudo, era uma luta, então quando chegava a época de reajuste a Petrobrás telefonava, insistia, o Santana então que ficava lá do meu lado, vivia lá nos pressionando e o doutor (Francinatt) que era o diretor, mantendo ali, e eu me lembro que o ministro Aureliano Chaves ficava preocupado, nós tínhamos uma liberdade tão grande que hoje o que é decidido na presidência da República, no ministério, era decidido no CNP, nós fazíamos todos aqueles reajustes de preços e...

S.L. -... de acordo com cálculos internos...

R.F. -... cálculos, parâmetros, viu? e mandávamos já decidido para publicar, o Aureliano só perguntava uma coisa: - “conservaram aquela diferença do álcool para a gasolina?”, que era de 25%, era só o que ele queria saber, 25% a diferença do álcool para a gasolina...

P.M. -... 35...

R.F. -... não, era 25...

P.M. -... chegou a 35, 65

R.F. -... chegou? mas ele queria essa diferença, ficou 25% , então esse preço, então essa área era poderosíssima, era poderosíssima e nós é que decidíamos.

S.L. – Quer dizer, de alguma maneira o CNP manteve esse poder herdado do regime militar, mesmo antes e durante o governo Sarney, não houve nenhum esvaziamento de atribuições, houve uma manutenção do papel do CNP durante todo esse seu quinquênio, aí à frente do órgão.

R.L. – Inclusive em termos, por exemplo, que a gente vê pela imprensa, um ponto de choque seria a questão da fiscalização do percentual de álcool dentro da gasolina, em alguns momentos chegou haver um...

R.F. -... não, não, o percentual de álcool variou, chegou depois no fim do..., eu me lembro que era 25, no fim do..., era 25% e os usineiros sempre...

P.M. -... mas em função mais da produção de álcool do que provavelmente outra coisa...

S.L. -... isso teria alguma repercussão nos motores dos carros...

R.F. -... ah, sim...

S.L. -... tinha que ser uma coisa muito bem orquestrada, não é...?

R.F. – é, porque quando muda a percentagem de álcool na gasolina, a regulagem do motor muda também não é? agora, a grande incidência do álcool foi nos carros a álcool...

S.L. -... cujo motores já eram a álcool, é verdade...

R.F. -... chegou a mais de 80%...

P.M. -... é verdade, é verdade...

R.F. -... e era uma dependência extremamente perigosa que dependia da safra e do humor dos usineiros, tanto que no fim houve aquela crise do álcool porque faltou álcool para os carros e a nossa frota ficou ameaçada, faltou por quê? a safra não foi muito boa e o açúcar...

S.L. -... no mercado mundial...

R.F. -... no mercado mundial aumentou de preço e eles preferiam produzir açúcar a produzir álcool, esse é o perigo porque a classe dos usineiros, pergunte a Petrobrás, não é muito digna de confiança não... [risos]

S.L. -... dá trabalho...

R.F. -... você está nesse setor agora...

P.M. -... não, não [risos], mas tenho muitos amigos usineiros. Tem pessoas sérias, mas tem..., complicadas são mais de quatrocentos, então é difícil você coordenar isso.

S.L. – Bem, eu vou fazer algumas perguntas, assim, mais ligadas a..., vamos dizer assim, ao dia a dia do senhor à frente do CNP não é? O CNP ele sofreu alguma transformação em termos da estrutura organizacional no seu mandato? Uma diretoria extinta, uma outra criada, alguma coisa em termos assim de segundo escalão?

R.F. – Não, que eu me lembre, não. Conservamos a estrutura que existia...

S.L. -... herdada do General Osiel...?

R.F. -... isso. Conservamos.

S.L. – E uma outra questão também relativa ao dia a dia da sua gestão, que iniciativas o senhor destacaria como mais significativas que o senhor tomou? Alguma iniciativa que o senhor lembre que teve assim uma repercussão maior?

R.F. – Olha, logo que eu assumi, nós tínhamos acabado de sair de um racionamento de gasolina e os postos de gasolina, se lembra?, fechavam sábado e domingo, fechavam e eu achava aquilo..., acabou o racionamento o abastecimento está normalizado, porque que vamos ficar

sem essa comodidade?, e foi uma luta, porque os donos de postos... (se lembra nós em SP brigando com eles?)

P.M. -... não queriam retomar, não é...?

R.F. -... não queriam, porque para eles era uma economia muito grande...

P.M. -... era um transtorno, hora extra, etc, etc,

R.F. -... não queriam...

P.M. -... era complicado...

S.L. -... não valia a pena...

R.F. -... não valia a pena financeiramente, então nós lutamos e conseguimos que os postos abrissem, como está funcionando, até hoje nesse regime...

S.L. -... direto...

R.F. -... direto, grandes modificações não houve, nos lutávamos muito para manter os preços dentro de uma economia inflacionária, essa era a nossa luta diária e também liberamos alguma coisa, por exemplo, o controle do óleo combustível que tinha..., um absurdo..., o controle sobre o óleo combustível estava sobrando, mas..., naquele tempo na economia acontecia umas coisas assim tão..., para abrir um posto de gasolina, para abrir uma distribuidora era preciso um processo, ir a plenário, discutir, essa coisa toda. O que era exagerado...

S.L. -... o senhor já achava isso na época...

R.F. -... eu já achava, achava isso. Procuramos afrouxar isso, sem fazer o que fizeram, abriram e estão hoje com..., olha aí, milhões de problemas. O que está acontecendo com a gasolina, falsificada, distribuidoras todas fajutas sendo criadas aí todo o dia, falsificando produto,

misturando com solvente, fazendo tudo isso, o que aconteceu? perderam o controle, saíram de um extremo para outro e perderam o controle, naquele tempo era tudo muito centralizado, eu particularmente não achava muito bom, mas não consegui mudar muito, alguma coisa foi aliviada, mas continua o poder de decisão em tudo o CNP, tudo, o cara para abrir um posto de gasolina lá no Guaporé, tinha de ter uma permissão do CNP, coisas assim, era exagerado.

R.L. – Durante o governo do Figueiredo, quer dizer, foi criada a Comissão Nacional de Energia e que vem se mantendo, não é? não havia nenhum choque, quer dizer, o CNP participava dessa comissão...

P.M. -... mas não se manteve assim não...

S.L. -... não se manteve?, pois é, era uma dúvida..., a Comissão Nacional de Energia vigeu só durante o...

P.M. -... Não, tem um período de interrupção, foi retomado recentemente...

S.L. -... ah, está, mas ela foi criada no governo Figueiredo, não é?

P.M. -... no governo Figueiredo, o vice-presidente da República, o Aureliano Chaves, era o presidente, não é? era o presidente da Comissão Nacional de Energia...

R.F. -... eu não me lembro de nenhum problema não...

P.M. -... e depois quando ele virou ministro de Minas e Energia ele também virou presidente do Conselho Nacional de Energia, ele voltou a ser o presidente.

S.L. – Mas o CNP era um dos órgãos...

R.L. -... participantes não é...?

P.M. -... olha, veja bem, era diferente porque o CNP era um órgão mais de frente, que fazia as coisas no dia a dia, a Comissão Nacional de Energia era mais política...

S.L. -... definia política...

P.M. -... estudos...

R.F. -... nós seguíamos a política deles...

P.M. -... inclusive nessa época do general eu era da assessoria técnica da Comissão Nacional de Energia, eu vivenciei isso bem. É coisa que foi retomada recentemente, não é? a ANP, por exemplo, não tem diretriz, só recentemente que se retomou essa reunião formal apesar de ter sido criada anteriormente, as reuniões são muito recentes mesmo...

S.L. -... do Conselho Nacional de Energia...

P.M. -... é coisa da ministra Dilma para cá...

S.L. -... e a ANP é um membro nato, de alguma maneira...

P.M. -... você sabe que eu não sei a formação, porque digamos assim, a política que entrasse a Comissão Nacional de Energia e a ANP seria o órgão fiscalizador, como era o CNP anteriormente...

S.L. -... pois é, exatamente.

P.M. - Mas era uma política mais macro e no fundo a gente fazia os estudos e longo prazo..., e longo prazo no Brasil [risos] quem toca é o dia a dia, não é General?

R.L. - E uma outra pergunta que eu ia fazer também é quanto a opinião do senhor sobre quanto a desaceleração do programa do álcool, mas que os senhores também já...

R.F. -... não, o problema do álcool é muito interessante. Foi criado pelo Presidente Geisel e tinha o entusiasta o Ministro Aureliano Chaves. Programa interessantíssimo e foi criado exatamente naquelas crises do petróleo...

R.L. -... os dois choques...

R.F. -... é, os dois choques e ficava sem combustível, foi criado. Acontece que o Ministro Aureliano Chaves disse uma vez uma verdade: - “o álcool só é o substituto da gasolina quando o petróleo estiver baixo, quando estiver 20 dólares”, não, ao contrário, desculpe, - “o álcool só é factível quando o petróleo estiver alto, 50 dólares, enquanto o petróleo estiver abaixo não há concorrentes” ele dizia sempre isso e é sujeito a humor do empresário...

P.M. -... mas ele tem razão, o álcool está a todo vapor agora novamente...

R.F. -... está com todo vapor...

P.M. -... porque agora você tem liberdade de preço e preço competitivo...

R.L. -... eu me lembro que eu cheguei a ter carro a álcool, desde o início, chegou a um ponto, no final da década de 80 que eu parei, voltei para a gasolina, não compensava...

P.M. -... mas nessa época era..., tinha que fazer truque de preço para viabilizar o álcool, porque o álcool era o dobro do custo da gasolina...

S.L. -... era subsidiado na verdade? de alguma maneira...

P.M. -... é digamos assim, a gasolina era muito tributada para viabilizar o álcool... [risos]

R.F. -... indiretamente.

S.L. – O senhor, General, o senhor presidiu o CNP no momento que a Bacia de Campos já estava já a pleno vapor...

R.F. -... estava se desenvolvendo...

S.L. -... bastante já, não é? Quer dizer, é o momento em que a Petrobrás ela ganha muita credibilidade, não é? porque foi um êxito... já se começa a falar, com uma dose de certeza bastante grande em alto suficiência não é...?

R.F. -... graças ao (Eike), não é...?

S.L. -... tudo o que nós estamos vivendo hoje não é? vinte anos quase depois não é? mas já naquela época, com aqueles poços gigantes não é? da bacia de Campos não é? e esse tipo de sucesso da Petrobrás isso não tem nenhum rebatimento, nenhuma repercussão no CNP, quer dizer, a Petrobrás podia estar indo bem ou mal e o CNP..., as atribuições dela eram tão específicas que..., como era isso? quer dizer, o que uma coisa...

R.F. -... a Petrobrás sempre foi muito dependente dos preços fixados pelo CNP, não é? porque daquele preço, que era tudo tabelado, o CNP fixando o preço dos combustíveis...

P.M. -... a rentabilidade da Petrobrás de investimento, na verdade tinha muito a ver com o preço, já que o preço era controlado...

R.F. -... mas o desenvolvimento da bacia de Campos e a produção nacional não teve problema nenhum com o CNP, pelo contrário...

S.L. -... não, eu estou perguntando...

R.F. -... foi muito bem vindo, foi muito bem quisto por todos, viu? e nós tínhamos uma política de preços para sustentar a produção do petróleo nacional...

P.M. -... é, o que deu um grande boom na produção de petróleo foi a segunda crise do petróleo em 79, que o governo fez um esforço gigantesco para poder deixar a Petrobrás confortável, com recursos investidos...

S.L. -... exatamente, investindo...

P.M. -... exatamente.

S.L. – Toda aquela tecnologia de exploração, em águas profundas, não é? E por que..., é engraçado, a gente estava até comentando antes de vir para cá eu e Regina, que o CNP é aquela ilha de tranquilidade, cinco anos de governo bastante complexo, que foi o governo Sarney o senhor presidiu o CNP, e enquanto isso a Petrobrás, eu tenho registros, eu posso estar enganado, mas já foram cinco presidentes.

R.F. – Foi. Não, desde o governo Sarney, o CNP teve vários presidentes da Petrobrás..., vários presidentes, trocaram vários presidentes, o último foi o Osires, não é?

P.M. -... é, o último foi o Osires...

S.L. -... teve o Hélio Beltrão, o Santana, teve alguns que ficaram pouquíssimo tempo, eu me lembro, o final do último ano do governo Sarney, foi particularmente acidentado...

P.M. -... teve até aquele Benedito da (Cacex), esse todo poderoso da (Cacex), o Benedito, ficou muito pouco tempo.

R.F. – E, eu vejo hoje com muita preocupação essa interferência na política, nas estatais, particularmente na Petrobrás. Felizmente na Petrobrás eles têm escolhido o presidente, por exemplo, é uma figura que ninguém conhece, mas, em segundo escalão e terceiro não tem..., um aí que quer, aquela diretoria que fura e tira óleo, que tira petróleo, eu quero impor um cara indicado desta maneira...

P.M. -... é uma pena, porque eu conheço particularmente o cara, é um técnico de primeira, agora se meteu com Severino...

R.F. -... pois é... [risos]

S.L. -... o padrinho compromete...

R.F. -... o padrinho compromete, pode ser o melhor técnico do mundo...

P.M. -... é, é uma pena...

R.F. -... com essa indicação nesses termos, chulos, a ANP sofreu também muito..., essa sofreu mais influência política. Olha o que recentemente saiu aí, você viu o negócio dos solventes?

P.M. -... pois é...

R.F. -... porque toda a adulteração da gasolina, toda não, a maior parte, é feita com mistura de solvente. O solvente é muito mais barato que o petróleo, então eles compram o solvente, misturam e vendem, prejudicando o motor dos carros e ganhando muito. Agora, quando puseram o dedo na ferida, descobriram que estavam importando solvente em quantidades muitíssimo maiores do que o normal, com a autorização da ANP.

S.L. - E isso é bem recente...?

P.M. -... é bem recente...

R.F. -... está nos jornais, tiveram de trocar o diretor da ANP que davam essas concessões, eu não dei o nome nem vou dar...

P.M. -... é o superintendente de abastecimento (no caso do rapaz)...

R.F. -... veja como a influência política pode prejudicar o funcionamento das empresas estatais, qualquer coisa, o Correio, o Correio os militares se vangloriam com toda a razão de terem recuperado, o Correio no Brasil era desmoralizado aí tiveram uns ministro (Corsete e outros) e puseram um Coronel chamado (Balboto)...

S.L. ... Aldo...

R.L. -... Adevaldo...

S.L. -... Adevaldo, ele vai ser entrevistado para um outro projeto da gente...

R.L. -... inclusive ele estava..., a gente estava para entrevistar ele essa semana, mas ele suspendeu e disse que enquanto tiver essa coisa ele não vai falar, porque ele não é..., ele disse assim: -“a minha mãe não me criou para eu ficar calado”...

P.M. -... ele não vai segurar...

R.L. -... é, é, e então eu quero aguardar um mês mais ou menos, eu até tive que fazer uma carta na sexta-feira...

S.L. -... foi a (Inês) que falou isso...?

R.L. -... foi, foi a (Inês) que falou...

R.F. -... eu conheci ele há dois anos na minha (área) de engenharia, ele fez um trabalho notável de recuperação, o Correio ficou uma das organizações mais confiáveis...

S.L. -... mais confiáveis, inclusive em termos de população...

R.F. -... ele foi convidado para ser presidente...

R.L. -... da UIP...

R.F. -... lá na Suíça...

R.L. -... União Internacional Postal...

R.F. -... agora, nomeiam esses caras para ir para o Correio para ficar essa desmoralização, fica os empregados lá na calçada e o prédio, porque a coisa toda..., essas interferências políticas..., por isso que eu acho que as estatais não funcionam bem com o governo, porque tem essa influência nociva, política. Eu me lembro que o coitadinho do CNP, que pagava mal como o diabo, às vezes chegava o político para pegar os dez...

S.L. -... era isso que eu ia perguntar para o senhor, governo Sarney já estamos em pleno...

R.F. -... aparecia, mas aconteciam duas coisas: primeiro, o contra que eles levavam de cara, segundo quando eles viam os salários pequeniníssimos [risos] eles desinteressavam...

S.L. -... eles achavam que era mais...

R.F. -... aí pensavam logo: – “ih, olha aqui quantos bilhões que eles manejam, isso deve ser uma (boca) muito rica”.

S.L. – É, eu acho que..., como é que esta aí a fita...?

R.L. -... eu acho que já está acabando...

S.L. -... então deixa que ela vai fazer o treck... General, eu acho que da minha parte..., é eu acho que..., aí a gente já vai passar para o Dr. Paulo e aí o senhor também vai...

P.M. -... vai me ajudar...

R.F. -... eu gostaria de dar uns adendos...

R.L. -... ah sim, esteja à vontade...,

P.M. -... eu acho que isso seria interessante...

S.L. -... por favor, nós temos bastante tempo...

R.L. -... inclusive se o senhor quiser complementar mais alguma coisa que a gente por acaso não tenha tocado, que o senhor queira falar...

R.F. -... agora, eu queria fazer uma comparação, porque todo mundo fala mal do Conselho Nacional do Petróleo, principalmente por causa daquele jeitão do Osiel, fechado, que dava os contra nos jornalistas, não é? eles caíam no pelo do Osiel...

P.M. -... e, coitado, uma pessoa boníssima...

R.F. -... boníssima...

P.M. -... um coração..., impressionante...

R.F. -... morreu no Rio, de câncer, eu fui visitá-lo, sem nada, em um apartamentozinho na Tijuca, viu? Mas eu quis dizer, naquele tempo havia sempre ali (empresário) para tudo, nesses setores que eu falei, petróleo, álcool, carvão, gás, então quando criaram no tempo do Collor, a filosofia diferente, de abri-los, livre iniciativa, nada de estado popular, o que é certo, na minha opinião é certo, até que fizeram muito mal, abriram, escancararam, e o que a gente está vendo aí? cria essas distribuidoras fictícias, todo mundo faltando, todo mundo falsificando combustível, ninguém é punido, porque a justiça aqui..., naquele tempo não tinha nada disso, posto, pegando fraudadores, era fechando imediatamente, não é Motoki?

P.M. - É verdade...

R.F. -... não tinha nada disso. Distribuidoras quando tinham que entrar, eram controladas para ver se tinha capital, se tinha o terreno, se tinha equipamento, essa coisa toda. Hoje, esse setor está totalmente conturbado, fora de controle porque escancararam, não controlaram e não controlam. No tempo do CNP não tinha isso, de jeito nenhum, hoje perderam o controle, hoje a falsificação de gasolina é uma indústria, que todos os dias está aparecendo nos jornais, depósitos, caminhões-tanque, não sei o que e tal. Abriram demais e não têm poder de controle,

essa que é a verdade. Deixa eu defender aquela parte, nós tínhamos..., sabe quanto eu tinha (na minha mão), chegou um mês de ter relatado em conselho sete mil processos...

P.M. -... tinha muito, hein General, toda a terça-feira...

R.F. -... toda a terça-feira...

S.L. -... processos de que natureza?

R.F. -... de toda, para abrir posto, para punir, para fechar posto, para botijões de outra marca, era troca de botijões nas empresas, mas então toda..., nós tínhamos um corpo de fiscais, tinha um coronel que era o capeta, o coronel..., está aqui o nome dele, ele era diretor de fiscalização, (Delizar). Era duro, mas era exigente com todo mundo, os fiscais, ele tinha um corpo de fiscais que vivia viajando e multando e atuando, ia para o conselho e nós..., fechava posto, multa, tudo isso, se lembra...?

[FINAL DA FITA 1 – A]

P.M. - ... e ele era um colega dele lá, Coronel também lá da Aeronáutica...

S.L. -... mas isso quando...?

P.M. -... no DNC...

S.L. -... DNC.

R.F. – Eu sei que..., eu que tenho uma saúde muito boa, graças a Deus, peguei labirintite, peguei um () (larga esse conselho), quando eu passei as funções, mudou o governo Sarney para o Collor, passei para a Maria Auxiliadora, foi um alívio enorme, mas fiquei com uma mágoa, na passagem que houve com o Osires, que era o Ministro da Infraestrutura eu estava lá, não

fizeram uma referência ao meu nome e nem me convidaram para fazer parte da mesa, que eu estava presente lá...

P.M. -... que era uma besteira, que eles disseram que estavam fundando um novo órgão, novos termos, como se pudessem jogar a história no lixo, tanto que a primeira...

S.L. -... é a marca do governo Collor, não é...?

P.M. -... primeira coisa, você pega toda essa galeria e enfia em um depósito, quer dizer,...

S.L. -... foram eles que fizeram isso...?

P.M. -... é, claro...

R.L. -... eu acho que isso é a marca muito do governo, quer dizer, estamos abrindo um novo tempo, uma nova era, e tudo o que passou é lixo...

P.M. -... é muito fácil jogar a história pelo ralo.

S.L. - Então, Dr. Paulo, será que a gente pode começar a trabalhar com o senhor agora?

R.F. - Querem um intervalo para um cafezinho?

S.L. - Vamos dar continuidade a nossa entrevista, vamos agora centrar o foco no Dr. Paulo Motoki, não é? Dr. Paulo, economista, formado pela USP em 69, (conjugação) no Japão, 74/75 e tem uma longa atuação com petróleo e correlatos, vamos dizer assim, não é? Porque desde de...

P.M. -... 79...

S.L. -... desde 79 que aqui no currículo dele, não sei se ele acumulou durante todo o período de 79 a 86, assessoria do ministro Delfim Neto para assuntos de petróleo e membro do CNP...

P.M. -... exatamente, exatamente...

S.L. -... o senhor foi as duas coisas...?

P.M. -... o que aconteceu..., já vou começar com uma coisa engraçada, porque o..., o preço era uma coisa sensível para a área econômica também, não é? Era o Conselho Nacional do Petróleo que fixava preços, então evidentemente, o ministro Delfim como o todo poderoso da economia era uma área que ele tinha que ter uma sintonia fina com o Conselho Nacional do Petróleo, e eu tive a felicidade de fazer essa interface e a maneira de trabalhar do ministro Delfim, era uma maneira muito interessante porque ele delegava mesmo, ele convocou uma reunião, primeira reunião de trabalho, eu me lembro até hoje, viu General? o General Osiel, ele, o meu chefe que era o Carlos (Acada), responsável pela área de preços, o diretor de preços do Conselho Nacional de Petróleo, o Coronel Félix, e o General Osiel, essa reunião de cinco pessoas, aí o Delfim falou: “- Olha, General, precisamos trabalhar afinados porque essa é uma área que interessa acompanhar de perto e nem sempre eu vou estar com tempo disponível que o senhor merece, e nem sempre o senhor vai ter tempo para cuidar dessas coisas, então estamos..., estou indicando esse menino, (ele nem sabia o meu nome), esse menino é o nosso interlocutor, estamos combinado General?” É nosso interlocutor, daqui para a frente tudo o que o senhor precisar, disponha, que o senhor terá todo o apoio necessário para o Conselho Nacional do Petróleo, e aconteceu um problema esquisito, porque tinha um representante do Conselho Nacional do Petróleo do ministério, era uma outra pessoa que não era eu...

S.L. -... quer dizer, o Ministério da Fazenda tinha representantes...

P.M. -... Ministério do Planejamento na verdade, o Delfim era o Ministro do Planejamento, nessa época, o Delfim era tão forte que o Ministro da Fazenda praticamente era um subordinado do Delfim...

R.L. -... é, nessa época era absolutamente importante o controle do preço de gasolina, de aço...

P.M. -... era preciso ter uma sintonia fina, já que a fixação de preços sempre foi do Conselho Nacional de Petróleo, mas nós tínhamos o interesse em acompanhar de perto, tem uma sintonia mesmo, uma equipe que trabalha unida e criou um problema danado, por isso que eu virei conselheiro, viu General? eu não era conselheiro não. Aí o General Osiel..., o conselheiro precisava de informações no Conselho Nacional de Petróleo para levar para o Ministério de Informações Técnicas às vezes, o General falou: - “Só com a autorização do Dr. Motoki” [risos] ele levou tão a sério a sintonia de trabalho..., - “quem fala pelo Ministério do Planejamento aqui, de acordo com o que eu acertei com o ministro Delfim, é Paulo Motoki, então qualquer informação só com a autorização dele”. Aí foi um problema danado, tiveram que pedir para ele oficializar isso aí, justamente para ajeitar essa parte...

R.F. -... a nomeação de todo o Conselho é do Presidente da República...

P.M. -... é, por sugestão, é...

S.L. -... ah é...?

P.M. -... era, por sugestão do ministro, exatamente, por sugestão do ministro..., então eu virei conselheiro por conta dessas...

S.L. -... e o outro saiu...?

P.M. -... e o outro virou o meu adjunto/substituto, eventualmente quando não ia...

S.L. -... provavelmente mais velho do que o senhor...

P.M. -... sem dúvida, até uma pessoa..., ele entendeu a situação, eu expliquei para ele tudo, a gente poderia perfeitamente continuar trabalhando juntos, mas foi isso que aconteceu, por isso que tem essa coincidência, assessor do Delfim e membro do Conselho Nacional do Petróleo.

S.L. – Eu tenho a impressão que o Delfim ele não ficou até o final do governo Figueiredo, ele ficou no cargo...

P.M. -... ficou...

S.L. -... o tempo inteiro...?

P.M. -... o tempo inteiro. Ele era Ministro da Agricultura...

S.L. -... ah, primeiro foi agricultura e depois planejamento...

P.M. -... depois quando o Simonsen saiu ele assumiu o Ministério do Planejamento.

S.L. – Planejamento é isso mesmo, eu sabia que tinha havido alguma..., então, Dr. Paulo, o senhor fica esse período todo, é um período que o senhor pega governo Figueiredo e entra ainda um pouco no governo Sarney...?

P.M. -... eu tive a felicidade de encontrar o General França Domingues como presidente...

S.L. -... aí o senhor vai para o CNP como, com que cargo?

P.M. – Com o mesmo cargo, continuo membro, por uma coincidência feliz, porque quem assumiu o planejamento foi o João Saiad, que foi meu colega de faculdade, e eu recebi convite para permanecer no Ministério do Planejamento apesar de que a área de preços tenha migrado para o Ministério da Fazenda. O planejamento perdeu o controle de preços...

S.L. -... no governo Sarney...?

P.M. -... é, até o Saiad me disse o seguinte: a gente achava que o Ministério do Planejamento, por conta do Delfim tivesse uma estrutura fenomenal e quando a gente descobriu que o Ministério do Planejamento não tinha nada [risos], não tinha absolutamente nada, escolhemos o ministério errado, foi isso.

R.L. – Agora, quando o senhor começa, quer dizer, em 79, quer dizer, a economia brasileira está recebendo a pancada na cabeça do segundo choque do petróleo...

P.M. -... mas veja bem, quando o Delfim assumiu não, o diagnóstico da equipe do Delfim, quando assumiu o Ministério do Planejamento, que era pisar no acelerador, com certeza, todo o estudo feito macroeconômico indicava isso, existia a possibilidade de dar uma acelerada, a gente crescer e crescer bem...

R.L. -... é, tanto que até 80, 81, ainda tem umas taxas bem significativas de aumento do PIB...

P.M. -... foi essa discussão no âmbito do ministério que levou o Delfim para o Ministério do Planejamento...

S.L. -... é, só para fazer um parênteses...

P.M. -... sempre queria jogar na retranca e o Delfim queria pisar no acelerador...

S.L. -... por quê? Porque o primeiro ministério do Figueiredo quando do governo inaugurado, o Delfim é Ministro da Agricultura, isso em março de 79...?

P.M. -... isso...

S.L. -... quer dizer, eu não sei exatamente, eu não me lembro, quando que ele vai para o planejamento...

R.F. -... quando o Simonsen sai...

P.M. -... em setembro...

S.L. -... do mesmo ano...

P.M. -... do mesmo ano...

R.L. -... o Simonsen não ficou muito tempo...

P.M. -... não fica muito tempo...

S.L. -... eu tinha ideia que era um pouquinho mais...

P.M. -... de março a setembro. Então, veja bem, a segunda crise não tinha acontecido, a segunda crise é uma coisa que aconteceu mais no final do ano. Quando o Delfim assumiu, ele assumiu, os estudos mostravam, toda a assessoria técnica, os economistas indicavam pelos estudos, pelas simulações que estávamos em uma maré muito boa e pisar no acelerador que íamos muito bem, obrigado, e quando ocorreu a crise do petróleo no final do ano, aí...

S.L. -... em setembro de 80 a guerra Irã/Iraque que deu ainda uma...

P.M. -... a crise do petróleo não estava nos planos do Delfim, quando ele assumiu não tinha...

R.L. -... eu estava dando uma olhada aqui, quer dizer...

R.F. -... a segunda, não é...?

P.M. -... é a segunda...

R.L. -... em 79 o PIB cresceu em 6,8% e em 80, 9,2% exatamente isso daí, em 81 é que o...

P.M. -... mas aí já é por conta de duas coincidências...

R.L. -... crise do Iraque, guerra Irã/Iraque...

P.M. -... quando foi que quebrou o México? 82 não foi? São duas coisas, não é?

R.F. -... 92 ou 82...?

P.M. -... 82.

S.L. – É engraçado, eu não me lembro da quebra do México há tanto tempo atrás.

P.M. – É.

S.L. – 82?

P.M. – É eu acho que foi. Quebra do México..., quer dizer, são duas crises que o Delfim administrou, crise do petróleo, quando ele estava saindo da crise do petróleo levou outra bordoadada, o México quebrou e o juros subiu muito, foram para 20% ao ano, juros internacional, que hoje está 2%, 3 %.

S.L. – E quais são assim os registros que o senhor tem mais significativos desse período que o senhor foi membro do conselho e ao mesmo tempo era o representante, não é?, quer dizer, era especialista em assuntos de petróleo do todo poderoso Ministro do Planejamento, Delfim Neto. Como é que era o seu dia-a-dia e o que o senhor tem de mais assim nítido na sua cabeça em relação a...

P.M. -... é foi complicado administrar especialmente em termos de preço esse impacto violento do aumento de petróleo...

S.L. -... é porque o senhor pegou os cinco últimos anos, a segunda metade da gestão Osiel, não é isso?

P.M. -... exatamente, o governo se preparou para..., foi aí que surgiu com toda força o álcool, surgiu o programa do carvão, surgiu alguns programas que não deram certo, tipo nuclear e etc., a ênfase era de qualquer forma achar um substituto nacional que pudesse contrapor a crise do petróleo e ao mesmo tempo incentivar a Petrobrás a fazer um aumento substancial de produção, não é? O presidente da Petrobrás na época era o (Eike), o ministro César Caus quando anunciou os 500 mil barris no final do governo Figueiredo, todo mundo achou que ele estivesse

brincando, era 170 mil barris, ele conseguiu triplicar em um curto espaço de tempo a produção nacional.

S.L. – Dr. Paulo como o CNP intervinha nesse momento com tantas questões novas surgindo, com tantos desafios surgindo, quer dizer, o Brasil precisando buscar fontes alternativas, como era a participação do CNP nesse cenário?

P.M. – Foi um período bastante importante do Conselho Nacional de Petróleo, foi muito interessante, viu General, administrar essa crise toda. Teve um resquício que depois o senhor mesmo criticou, mas na época achava-se que era importante, inclusive cota de óleo combustível, a indústria para..., não era livre a compra de óleo combustível que era um produto..., quando o senhor pegou..., fácil, não é? era tudo controladinho, tudo arrumado, tudo com cota determinada, a ordem era economizar petróleo a todo custo, foram desencadeados um monte de políticas no sentido de você buscar diminuir a dependência externa do Brasil ao petróleo, ou seja, através de um incremento da produção interna do próprio petróleo, ou mesmo um incentivo às fontes alternativas, uma coisa que naufragou fragorosamente foi o carvão, não é General? não foi bem, mas o álcool foi bem, cresceu bastante.

S.L. – Pois é, e o CNP nisso, a política do álcool e do CNP, o que nos interesse entender é como que..., o CNP antes desse momento ele também já estava envolvido com outros combustíveis que não o petróleo, ou foi a partir desse momento que o CNP começa a ter esse tipo de envolvimento...?

P.M. -... na verdade eu diria o seguinte, o CNP foi fundamental no sucesso da implantação do pró-álcool, foi fundamental porque tinha um contraponto da Petrobrás, e foi uma determinação mesmo, forte, ferrenha, de introduzir o álcool a qualquer custo e que o CNP ajudou muito, muito mesmo...

R.F. -... a Petrobrás nunca foi favorável...

P.M. -... nunca foi, nunca foi, e eu me lembro..., e tem uma coincidência muito feliz, que economizou muito em termos de investimento que é o seguinte: existia a famosa gasolina azul

de alta alquitanagem e que..., o que o CNP fez? como a demanda por esse tipo de combustível era muito pequena e decadente, existia em todos os postos uma bomba e um tanque de gasolina de alta alquitanagem, o CNP simplesmente tendo em vista a crise, esse tipo de produto deixou de ser fabricado no Brasil e possibilitou a entrada do álcool naquelas bombas e isso foi de uma economia brutal. Quer ver, os Estados Unidos hoje gostaria de ter o que o Brasil tem, que é um verdadeiro patrimônio, ter bomba de álcool em cada posto. Não de cola esse programa no Japão, vai demandar um investimento brutal para você adaptar uma coisa simples: misturar álcool na gasolina, não é nem a gasolina pura porque você vai vender uma gasolina diferente, portanto você tem que separar em cada posto de gasolina uma bomba, um tanque, para aquele produto diferente, foi uma feliz coincidência...

R.F. -... lá no Japão não vai por toda a gasolina a 3%...?

P.M. -... não, não é obrigatório, no Japão é, digamos, autoriza-se a misturar três, que a primeira leitura dos produtores é que o Japão é obrigado e abriu, na verdade não foi, foi de forma restritiva foi uma..., eu acompanhei isso que o Embaixador...

[interrupção para o cumprimento a alguém]

R.L. -... então vamos voltar, não é?

P.M. – Eu não sei nem onde nós paramos...

S.L. -... nós estávamos falando da gasolina azul...

P.M. -... ah sim..., e isso nos facilitou e uma outra coisa importantíssima que o CNP fez: é todo álcool, a distribuição para as distribuidoras, quem fazia era o Conselho Nacional do Petróleo, o trabalho da diretoria de abastecimento, uma coisa que o senhor fez também...

S.L. -... em termos práticos como é que isso se dava?

P.M. – Na verdade é o seguinte: como o preço era controlado e existia também a necessidade de..., existia um subsídio cruzado entre álcool e gasolina, portanto existiam recursos do Conselho Nacional do Petróleo para viabilizar a comercialização do álcool, toda a comercialização era centralizada no Conselho Nacional do Petróleo, e os produtores, a produção encaminhava toda ao Conselho Nacional do Petróleo, o Conselho Nacional do Petróleo reunia as distribuidoras, pegava a demanda de cada distribuidora e distribuía de acordo com a logística que o CNP achava mais adequado, então era um trabalho gigantesco...

S.L. -... quer dizer, o CNP tinha instalações físicas para isso...?

P.M. -... é, na verdade você precisava de um auditório [risos] um auditório e um bom diretor dessa área, de abastecimento...

S.L. -... na verdade o CNP não tinha depósito, nada disso...?

P.M. -... não, não...

S.L. -... ele só designava...

P.M. -... na verdade distribuía as cotas e promovia a comercialização...

S.L. -... determinava quanto..., era nesse sentido que ele atuava, não é...?

P.M. -... isto, isto. Na verdade..., tanto é que os usineiros quando o preço..., o governo liberou os preços do álcool, todos os usineiros quase quebraram, porque eles não estavam acostumados a comercializar e aí fomos para um outro extremo: 400 produtores na mão de 07 empresas, você imagina quem impunha preço, eles quase quebraram [risos]...

R.F. -... outra coisa que eu esqueci de falar o problema que nós tínhamos no CNP era a equalização de preços...

P.M. -... isto, isto, exatamente...

S.L. -... no território nacional...

R.F. -... todo..., a gasolina e o diesel lá no Acre era o mesmo preço de São Paulo, então nós tínhamos que fazer cálculos, fazer subsídios para o transporte, e aí era uma bandalheira, as distribuidoras mais fracas faziam muita safadeza, e nós, pau em cima...

P.M. -... mas as distribuidoras grandes também, viu General...?

R.F. -... fazia também, não é...? [risos] essa equalização de preços era terrível...

S.L. -... sabe, eu estou percebendo que vocês estão toda hora falando em distribuição, distribuidoras. Eu confesso que eu não tenho isso muito claro, o que são essas distribuidoras?

P.M. – Na verdade é o seguinte: as distribuidoras são as multinacionais, Esso, Shell, a própria Petrobrás tem a distribuidora dela que é a BR Distribuidora, essas são as distribuidoras de petróleo.

R.F. – Porque o produtor que a Petrobrás..., as distribuidoras trabalham por atacado e os postos...

P.M. -... que são os revendedores...

R.F. -... que são revendedores, as distribuidoras são que pegam o produto da Petrobrás por atacado...

R.L. -... e distribui pelos postos da sua bandeira...

R.F. -... ela também tem postos dela.

S.L. – Agora existem pequenas distribuidoras também? Quem seriam essas pequenas distribuidoras...?

R.F. –... antigamente não tinha.

P.M. – Na verdade isso é advento do Departamento Nacional de Combustíveis a partir da época Collor e que se promoveu uma liberalização, uma abertura desenfreada no mercado...

R.L. -... por exemplo, em Belo Horizonte você tem uma distribuidora ALLE...

P.M. -... essa é boa, aliás...

R.L. -... é boa...?

S.L. -... mas essa ALLE ela não tem nenhuma multinacional por trás dela...

P.M. -... não, é distribuidora nacional...

S.L. -... e ela pode comprar de qualquer...

P.M. -... não, compra geralmente da Petrobrás que ainda é praticamente o monopólio, a Petrobrás é quem vende para as distribuidoras...

R.F. -... esse negócio de abrirem dizendo que acabou o monopólio é meio fictício, a verdade é que a Petrobrás é a única que produz, tem duas pequenas refinarias, uma no Rio Grande do Sul...

S.L. -... é Manguinhos...

R.F. -... Manguinhos e outra do Rio Grande do Sul...

P.M. -... Manguinhos e Ipiranga...

S.L. -... Ipiranga, no Rio Grande...

R.F. -... mas essas coitadas produz 20 mil barris...

P.M. -... é um somatório, 10 mil cada uma...

R.F. -... e que estão com a corda no pescoço, elas estão comprando petróleo pelo preço internacional e vender pelo preço daqui, elas estão muito mal, mas praticamente o monopólio continua...

S.L. -... é, as refinarias todas são da Petrobrás.

R.F. – E a produção, e a importação também. Está havendo importação por algumas distribuidoras...

S.L. -... é isso que eu ia perguntar, importação é monopólio da Petrobrás?

P.M. – Não é, mas veja bem..., mas o preço deixou de ser controlado pelo governo, hoje a Petrobrás é livre para afixar os seus preços e preço fixado pelo monopólio já viu o que dá. Tem uma grande *trading*, aliás, o principal executivo é meu amigo Lauro Moreira, que trabalhou na Ipiranga, viu General? Ele era executivo de uma grande *trading* de petróleo (Ditol), *trading* enorme, 60 milhões de dólares de faturamento anuais no mundo, não é? E tendo em vista essa política de preços da Petrobrás eles estão fechando a porta...

R.L. -... não interessa...

P.M. -... não interessa porque o preço não acompanha, o preço internacional, e comércio de petróleo é muito ágil no mercado internacional, só que a Petrobrás impõe o preço como monopolista.

S.L. – Então deixa eu tirar uma outra dúvida, no caso aqui a Esso, a Shell, a Texaco, elas compram o petróleo das refinarias da Petrobrás também...?

P.M. -... isto, isto, exatamente...

S.L. -... ou podem importar da Petrobrás...?

P.M. -... podem eventualmente importar...

S.L. -... mas elas compraram das refinarias também, não é...?

P.M. -... é sim...

S.L. -... basicamente...?

P.M. -... basicamente.

S.L. – De uma maneira isso explica o êxito tão rápido da BR Distribuidora, não é?

P.M. – É.

S.L. – Não é? Tem uma relação, eu acredito.

R.F. – Por que..., é engraçado...

S.L. -... porque a BR começou já grande, não é? de alguma maneira ela já começou pegando uma fatia do mercado grande...

R.F. -... o caso da BR é interessante, porque antes a Petrobrás não estava neste ramo de distribuição, estavam só essas..., o Geisel quando era presidente da Petrobrás, isso ele me contou, ele viu que o ramo mais lucrativo era o da distribuição, e porque nós estamos fora? E entrou com toda a força, dentro da BR Distribuidora, que hoje é a primeira, é a primeira...

P.M. -... foi aí que o Eike fez a fama, porque ele foi o diretor comercial responsável pela implantação da BR quando o Geisel era o presidente da Petrobrás...

R.F. -... é foi daí a amizade dos dois.

P.M. – Ele foi o responsável pela implantação da BR, o Eike.

R.L. – Agora ainda nessa coisa da fixação dos preços, por exemplo, o diesel, desde 74 ele ficou sob controle rígido, não é? para não onerar demais, quer dizer, nos transportes e no...

P.M. -... é, isso também é uma coisa que..., na verdade tem muita história sobre isso, na verdade não é verdade, esse negócio de subsídio do diesel nunca foi verdade. Existia sim um preço da gasolina muito alto em relação aos custos e no diesel você tentava aliviar esses tributos, isso sim, mas você imagina 50% da produção do Brasil é diesel, 50% do faturamento, desculpe, 50% do faturamento da Petrobrás é diesel, você imagina se você impõe preço favorecido, como é que a Petrobrás vai sobreviver? se 50% do seu faturamento é diesel? não pode, o que você faz na verdade na hora da fixação é fixar o diesel pelo preço de custo, enfim, mas nunca de forma...

R.F. -... mas a gasolina dá uma ajudazinha para o diesel...

P.M. -... é, dá porque você tributa muito a gasolina, então claro você prefere, e se impõe até mais, o CNP chega..., até hoje a ANP impõe que carros, determinados carros não podem usar diesel...

R.F. -... carro de passeio aqui no Brasil...

P.M. -... por proibição do Conselho Nacional do Petróleo, exige até hoje, mesmo com toda a liberalização do mercado e tudo mais, é uma..., existe uma norma do antigo Conselho Nacional do Petróleo que cuja vigência até hoje é vigente.

R.L. – Bom, o senhor foi diretor geral do DNC entre 94 e 95...

P.M. -... é, um ano e pouco, um ano e meio, mais ou menos...

S.L. -... Quer dizer, o senhor pegou o final de governo Itamar e o início do primeiro governo Fernando Henrique...

P.M. -... é, eu devo ter entrado primeiro em maio, se eu não me engano e saí em setembro do ano seguinte.

R.L. – E qual é a sua avaliação, quer dizer, em relação ao novo órgão, quer dizer, até poderia ser um pouquinho mais amplo, se haveria a necessidade realmente de extinguir o CNP, criar esse novo órgão, enfim...?

S.L. -... por que se extinguiu o CNP e criou-se o DNC contribuições, as atribuições mudaram muito?

P.M. – Olha, na verdade houve um rebaixamento de nível, não é General? Eu acho que em termos de equilíbrio de governo, eu acho que não foi uma decisão sábia, porque a Petrobrás que já era forte, aí começou a nadar de..., para você ter uma ideia, não é nenhuma crítica, mas foi uma decisão do próprio governo. Eles trouxeram uma funcionária de segundo ou terceiro escalão para ser diretora geral do DNC, você vê a importância que se dava ao DNC. Olha, vou te confessar uma coisa: o presidente da Petrobrás não falava comigo não, ele estava muito acima da minha direção...

R.L. -... afinal de contas é o terceiro orçamento do país...

P.M. -... é, ele falava com o ministro, não com o diretor do DNC...

R.F. -... não, mas comigo..., às vezes não atendia ao telefone, o presidente da Petrobrás..., na hora que tinha realmente que dá o preço...

P.M. -... mas agora...

R.F. -... cansei de dizer: - “Diga que não estou”... [risos]

P.M. -... quem queria falar comigo muito era o diretor financeiro por razões óbvias, o preço é atribuição ainda do DNC, enquanto foi controlado...

R.F. -... e o medo da Agência Nacional do Petróleo foi levar a sede para o Rio, veja só: nós tínhamos uma sede primorosa que o Jean Osiel construiu aquilo com amor, com carinho, com dedicação, aquele prédio para o caminho..., o senhor não conhece...?

S.L. -... não, não conheço...

R.F. -... o caminho para a universidade, lindo o prédio, todas as instalações, laboratório, salas de..., tudo, tudo, criaram a ANP e levaram para o Rio de Janeiro, fizeram ela na boca do leão, ao lado da Petrobrás...

R.L. -... agora já não está mais, agora está...

S.L. -... está na Presidente Vargas, Rio Branco...

R.F. -... está no Rio de Janeiro...

S.L. -... está...

R.L. -... está no Rio de Janeiro...

S.L. -... está na Candelária..., um prédio muito, muito, muito bem...

R.F. -... mas tudo aqui...

R.L. -... se já estava aqui não tinha sentido realmente...

R.F. -... aqui, a capital da República...

S.L. -... o DNC continua aqui...?

P.M. -... não, o DNC não existe mais...

S.L. -... mas, não, durante a vigência...?

P.M. -... ah, sim...

S.L. -... foi todo por aqui, no mesmo prédio do CNP...?

P.M. -... isto. O DNC encolheu tanto de importância que, metade do prédio foi cedido ao Departamento Nacional de Águas e Energia...

S.L. -... o Dinae, não é...?

P.M. -... o Dinae que virou Anel, hoje o prédio, esse prédio maravilhoso que o General se refere é sede da Anel...

S.L. -... pegou tudo...?

P.M. -... pegou tudo, porque o..., pela importância da agência em relação ao departamento.

R.F. – Aquela de levar para o Rio, comodidade dos diretores da ANP, que moravam no Rio...
[risos] quem falou foi o senhor...

R.L. -... está gravado, fomos todos nós [risos]

S.L. – Mas vamos falar um pouco mais sobre o DNC, quer dizer, o senhor está dizendo que houve, sem dúvida, um esvaziamento de atribuições, quer dizer, o órgão em relação ao CNP ele desce alguns degraus, não é...?

P.M. -... desce, desce...

R.L. -... e quais foram essas atribuições que perdeu-se...?

P.M. -... na verdade..., é uma coisa engraçada, na verdade é poder mesmo, porque o DNC passou a reportar no próprio Ministério de Minas e Energia e nem falava com o ministro a rigor, porque tinha um secretário de energia acima do departamento, o secretário de energia era o chefe do DNC, e chefe do Dinae. No meu caso específico foi uma coincidência muito grande porque o secretário de energia titular, ele veio do setor elétrico...

S.L. -... quem era?

P.M. – Peter Brainer. E ele não entendia nada de petróleo, então ele..., eu simplesmente passei a despachar direto com o ministro, mas por coincidência, porque ele não tinha aptidão para o..., mas hierarquicamente eu deveria despachar com o secretário de energia...

R.L. -... que se ele quisesse ele poderia tipo...

P.M. -... aí eu reclamei, eu falei: - “Poxa, o Peter não dá bola para o departamento, afinal ele é o chefe, é o secretário de energia”, aí ele ouviu de alguém essa reclamação e tem um bilhete que ele escreveu, até muito bacana: - “Japonês, a liberdade que lhe concedo é em homenagem a sua competência...” [risos]

R.L. -... é melhor dá liberdade do que tomar...

P.M. -... mas é..., mas, sem dúvida, foi um esvaziamento muito grande das atribuições do...

S.L. -... é, eu confesso que não sabia nem que tinha existido o DNC, e olha que nós trabalhamos muito colados com a história recente do país, eu falava assim: - “Mas que DNC é esse”? para mim essa sigla era Departamento Nacional do Café [risos] dos anos 30, não é...?

P.M. -... mas foi de propósito mesmo...

R.F. -... foi, foi intencional...

P.M. -... é, intencional, um órgão que foi o responsável pela..., uma decisão histórica, de decidir criar a Petrobrás, não é? reunião plenária do Conselho Nacional do Petróleo nasceu a Petrobrás, não é? de repente..., esvaziou...

R.F. -... esvazia e pega as figuras históricas e jogam no almoxarifado...

P.M. -... é, porque uma das coisas que eu lamento muito foi a extinção do plenário...

S.L. -... quando DNC não tinha mais plenário...

R.F. -... deixou de ser conselho...

S.L. -... ah sim, deixou de ser conselho...

P.M. -... deixou de ser conselho, é uma pena porque isso dava ao Conselho Nacional do Petróleo um status dentro do...

[FINAL DA FITA 1 – B]

R.L. -... então agora o senhor pode falar das grandes preocupações do ministro Delfim.

P.M. – Uma das grandes preocupações do ministro Delfim é como ele se relacionaria com o Conselho Nacional do Petróleo na figura do General Osiel de Almeida, uma figura forte, não é? Como muito poder, não é?, falava grosso, enfim, como é que seria o relacionamento dele com o General Osiel, porque felizmente para mim, ele não conhecia o General, o General era uma figura que trabalhava pela pátria, foi a coisa mais tranquila trabalhar com o General Osiel, mas eu quis referir a isso porque tinha status, o Conselho Nacional do Petróleo tinha status, era um poder até mesmo para os ministros, era um poder que eles respeitavam e respeitavam muito,

porque realmente tinha representatividade dentro do governo, o Conselho Nacional do Petróleo.

R.F. – O conselho tinha por força da própria da Constituição, tinha força para punir, para exigir, para legislar, coisa que agora não tem, que era o conselho, então chegavam os processos, não era um só, que mandava fechar o porto, mandava cassar...

S.L. -... eram quantos conselheiros mais ou menos...?

R.F. -... dez ou doze, está aqui...

P.M. -... dez, com o presidente dava onze, onze conselheiros. Eram oito representantes de ministérios diversos, dois representantes da iniciativa privada, um da indústria, outro do comércio e o presidente do conselho.

S.L. – Isso sempre foi assim, quer dizer, essa Constituição...

R.F. -... desde o começo...

S.L. -... desde o começo...

R.F. -... foi criado por Getúlio Vargas...

S.L. -... sempre...

P.M. -... é, Ministério do Exército, Ministério da Aeronáutica e Ministério da Marinha, são três representantes, a importância da segurança nacional que os militares atribuíam ao petróleo, não é? também é uma coisa que está por trás...

S.L. -... é, no momento da constituição do CNP, uma das razões de ser é exatamente essa.

P.M. – E tinha especialistas do transporte, não é? Ministério do Transporte, Ministério do Planejamento, Ministério da Fazenda, Indústria e Comércio, Agricultura, então eu achava que era um órgão que tinha um balanceamento interessante, não é? porque reunia toda a representação da...

R.F. -... e tinha toda a força, não é? porque depois que extinguiram o conselho e ficou Agência Nacional do Petróleo, ficou sem força para legislar, para punir.

S.L. – Olha, a impressão que eu tenho é que a agência é mais forte que o departamento...

P.M. -... sim, sem dúvida...

S.L. -... eu tenho essa impressão muito, muito forte...

P.M. -... mas é muito fácil de você entender, porque algumas das atribuições exercidas pelo monopólio, tiveram que ser exercidas pela agência, tipo...

S.L. -... isso depois da lei...?

P.M. -... depois da lei...

S.L. -... a agência é uma criatura da lei, não é?

P.M. – É, é, aliás, eu como diretor do DNC iniciei os estudos para a criação da agência, como diretor, porque o monopólio já tinha sido quebrado, aí eu precisava criar um órgão que tocasse isso, os estudos iniciais foram feitos na minha gestão.

S.L. – Dr. Paulo, uma curiosidade nossa, já que o DNC é, sem dúvida nenhuma, ele é uma transição, de alguma maneira, em termos..., até mesmo de duração, que ele durou pouco tempo, não é? teve uma certa...

P.M. -... é, do Collor até Fernando Henrique...

S.L. -... até Fernando Henrique, não é? o senhor tem registros, a documentação produzida pelo DNC, ela está localizada em algum lugar, os senhores tinham relatórios anuais? por que caso a gente não tenha essas fontes escritas, a gente vai ter de..., por exemplo, é interessante para nós saber qual era a estrutura do DNC, onde a gente consegue isso?

P.M. – A antiga diretoria de planejamento que o senhor tinha se transformou na verdade em coordenação, você veja como foi rebaixado, coordenação de planejamento, nessa coordenação de planejamento tinha essa documentação, certamente.

S.L. – E o senhor tem ideia onde anda essa documentação? Foi para o Rio, DNC, ANP?

P.M. – É engraçado, eu sofri um problema General eu tive que..., não tinha, não se localizavam documentos, não sei o que, inclusive para me defender no Tribunal de Contas, a prestação de contas da minha gestão, tive problema, porque não encontrava documento nenhum, eu fiquei perdidinho General, perdidinho. Eu e o Coronel Fonseca que era o meu adjunto, nem isso a gente tinha, o Tribunal de Contas perguntava para a Agência Nacional do Petróleo e eles diziam simplesmente que não foi localizado. Essa mudança para o Rio foi feita de forma mal feita...

R.L. -... mas você sabe...

P.M. -... sumiram muitas coisas...

R.L. -... a gente esteve conversando e daí a gente não chegou a ir muito a fundo, mas a visão que eles deram para a gente foi o seguinte, quer dizer, com a extinção, muitas pessoas ao invés de recolherem ao arquivo central, enfim, ao arquivo da instituição, começaram..., ou levaram para casa o que tinha de interessante ou jogaram fora e ficou, quando a agência foi criada, algumas pessoas chegaram e disseram assim: - “Ah olha, eu tenho isso daqui em casa”, pelo menos foi a versão que eles deram para a gente, então eles conseguiram remontar parcial, precariamente...

P.M. -... foi uma pena porque o último diretor do DNC virou diretor da Agência Nacional do Petróleo, não diretor geral, mas foi.

S.L. – Quem era? A gente está com esses nomes aqui...

R.L. -... está, a gente está aqui [risos]

P.M. -... a minha memória está curta, estou jogando golfe..., a memória do General está melhor do que a minha [risos]

R.L. -... Ricardo Pinto Pinheiro...

S.L. -... Ricardo Pinto Pinheiro, é ele?

P.M. -... eu acho que faltou um pouco de cuidado dele já que ele era o diretor do DNC, ele foi diretor...

S.L. -... é isso mesmo, depois disso ainda permaneceu durante a gestão de David (Rubeistein), ocupando uma das diretorias, é ele mesmo, a Regina localizou isso na internet.

P.M. – Eu acho, até por uma questão de defesa própria, ele deveria cuidar disso.

S.L. – É, o senhor foi o penúltimo. A ANP teve um, dois, três, teve seis dirigentes em sete anos...

R.L. -... isso aqui é DNC...

S.L. -... é, DNC, eu estou falando, DNC, olha, Maria Auxiliadora Jacobina Vieira (agosto de 90 a novembro de 92), ela fica o governo Collor todo, não é? Aliás, ela só entra em agosto, eu não sei se o conselho foi extinto..., pelo que eu tenho de registro ele foi extinto nas primeiras () do Collor, fica um hiato aí deve ter ficado algum interino de abril a agosto, porque a informação que a gente tem é que a Auxiliadora só seria em agosto.

R.F. – Eu me lembro que eu fui à posse da Auxiliadora e foi imediatamente...

S.L. -... é, então aqui..., deve ter alguma coisa errada aqui. Foi imediata a posse?

R.F. – Foi, foi imediata.

P.M. – Eu acho que sim, não teve interino não. É mesmo porque tendo em vista as atribuições de..., especialmente na área de abastecimento, seria um caos.

S.L. – É deve ter ficado esse vácuo, aí depois vem o Osmar Chaves Ivo, fica um mês...

P.M. -... mas o Osmar já era adjunto dela.

S.L. – Ele pegou a passagem, não é?

P.M. – Na verdade é como se fosse a administração dela sim.

S.L. – Depois vem Marcelo Guimarães Melo...

P.M. -... que era amigo do Itamar pessoal...

S.L. -... é, fica de janeiro a novembro, Mineiro, não é?

P.M. – É, isso mesmo.

S.L. – José César da Fonseca...

P.M. -... que era adjunto dele...

S.L. -... que fica de dezembro de 93 a março de 94...

P.M. -... que eu mantive ele como meu adjunto.

S.L. – Aí o senhor entra e depois vem o Ricardo Pinto Pinheiro. Então isso revela bem, quer dizer, primeiro, essa..., isso quer dizer alguma coisa, essa..., não é? agora, aquela pergunta que eu fiz antes é o seguinte: seria interessante a gente tentar montar um organograma, quer dizer, como é que o DNC funcionava, quer dizer, tinha um organograma que era diferente do CNP, houve essa queda, não era diretoria, era coordenação, não era presidente, era diretor geral...

P.M. -... aí na montagem do organograma você vai ver que o órgão murchou e muito, muito, uma das grandes lutas, e eu não consegui, infelizmente é dar a fiscalização o mesmo status das outras coordenações, a fiscalização, não sei, deve ter sido feita..., tiraram até a divisão...

R.F. -... era contra a fiscalização porque pegava a Petrobrás, nós multamos a Petrobrás muitas e muitas vezes...

P.M. -... pesadamente às vezes...

R.F. -... multar, porque nós tínhamos a fiscalização nos postos da Petrobrás...

S.L. -... nos próprios postos da BR...

P.M. -... o CNP tinha autorização para entrar na própria Petrobrás, refinaria, tudo...

S.L. -... tinha, tinha, eu lembro disso. Mas Dr. Paulo o senhor de cabeça lembra para fazer esse organograma aqui? A gente monta aqui.

P.M. – Podemos fazer isso agora aqui, não tem problema nenhum. O Conselho Nacional do Petróleo primeiro tinha...

S.L. -... não, o conselho a gente tem, era mais o DNC...

P.M. -... mas é porque eu queria fazer um paralelo...

S.L. -... então vamos lá, vamos fazer esse paralelo...

R.F. -... espera aí, aqui tem o...

P.M. -... o organograma...

S.L. -... e pelo o que vocês falaram foi o organograma que foi mantido durante..., já vinha de muito antes já...

R.F. -... desde a sua fundação...

S.L. -... tem plenário...

P.M. -... é diretoria não é? o plenário é diretoria.

S.L. -... é diretoria...

P.M. -... então veja bem, a..., o Conselho Nacional do Petróleo tinha uma diretoria financeira, uma diretoria de fiscalização, uma diretoria de planejamento, uma diretoria de abastecimento e uma diretoria de preços, não é? basicamente esse é o órgão, os outros são basicamente órgãos jurídicos etc, etc. Mas basicamente, olha aqui, diretoria, primeiro virou departamento nacional de combustíveis, que seria o que sucedeu a presidência do CNP, ficou um diretor do departamento nacional de combustíveis...

S.L. -... era diretor geral...?

P.M. -... não era diretor geral, era diretor simplesmente, geral não..., diretor geral é ANP agora, diretor, diretor do departamento. Embaixo do diretor tinha os coordenadores e nessa mudança de coordenação a antiga diretoria de fiscalização, todas as diretorias viraram coordenação, não é? com exceção da fiscalização...

S.L. -... que virou..., nada...

P.M. -... virou divisão, abaixo de coordenação, por aqui o coordenador, tinham divisões. Então existia anomalia...

S.L. -... quantas coordenações...?

P.M. -... ficou coordenador de planejamento, coordenador de abastecimento e coordenador de preços...

S.L. -... três coordenadores, três coordenações...

P.M. -... três coordenações, ao passo que o General tinha um, dois, três, quatro, cinco, tinha cinco coordenações...

S.L. -... agora essa divisão mais miúda de divisão, o senhor não sabe, quer dizer, cada coordenação se subdividia em divisões...?

P.M. -... em divisões, é...

S.L. -... seria interessante não é Regina, chegar a esse nível de...

P.M. -... e aqui tinha a fiscalização que no meu modo de ver tinha que estar no mesmo grau de importância e está aqui meio assim..., não estava subordinada a ninguém...

S.L. -... a não, não estava subordinada a ninguém...?

P.M. -... ao diretor geral mesmo, diretor mesmo...

S.L. -... mas no outro status...?

P.M. -... outro status, embaixo, rebaixaram a fiscalização...

R.F. -... eles conservaram aquele corpo de fiscais que nós tínhamos?

P.M. – Sim, sim.

R.F. – Agora a ANP não tem mais, dispensou todo mundo...

P.M. -... Divisão de Fiscalização. É engraçado a Diretoria Financeira, a toda poderosa Diretoria Financeira simplesmente não existia.

S.L. – Quer dizer, isso a Maria Auxiliadora já fez, não é? Essa mudança já foi imediata também, não é?

P.M. – E na verdade, Preços assumiu a Diretoria Financeira...

S.L. -... para assumir essas funções, não é...?

P.M. -... da Diretoria Financeira, Preços mais Financeira houve uma fusão.

R.F. – O (Dr. Francinatt) ficou com você nessa...

P.M. -... não, não..., o (Francinatt) era meu sócio, no escritório de consultoria... [risos]

S.L. – Dr. Paulo então esse organograma mais para baixo a gente não...

P.M. -... eu não sei como...

S.L. -... quer dizer, o senhor não sabe se...

P.M. -... eu posso depois dar um nome de um coordenador, Hélio Berlarmino ele pode...

R.F. -... ah, ele andar por aí...

P.M. -... por aí, seria uma pessoa interessante...

S.L. -... por aí o que? Brasília...

R.F. -... Brasília, ele trabalha com álcool...

P.M. -... não também viu General, pessoal do álcool só dá trabalho quando você está no governo [risos] quando você está fora lutando, não tem trabalho..., é mais distribuidora...

R.F. -... distribuidora é? mas não é de álcool...?

P.M. -... não, petróleo...

R.F. -... ah...

S.L. -... quer dizer, esse Hélio Berlarmino ele já vem do antigo CNP...?

P.M. -... vem...

S.L. -... ele vem de longe...?

P.M. -... vem de longe..., ele está falando álcool porque ele era responsável por essa coordenação que eu lhe falei que era um negócio de louco, coordenar 400 produtores, distribuir o álcool, ele era o responsável, quando eu assumi eu elevei o status dele, ele assumiu tudo, gasolina, tudo, tudo, tudo, muito bom.

S.L. – Ele virou coordenador?

P.M. – Ele virou Coordenador de Abastecimento...

S.L. -... Abastecimento.

R.L. – O senhor tem o telefone dele?

R.F. – Eu sei que ele subiu de status...

P.M. -... subiu...

R.F. -... carro importado, chácara...

P.M. -... mas é claro..., fazenda...

R.F. -... iniciativa privada...

P.M. -... mas ele é muito competente...

R.F. -... muito competente...

P.M. -... muito competente, merece, ele aparece no meu escritório em São Paulo. Esse é uma pessoa que eu acho que vale a pena conversar porque ele foi funcionário do General Osiel...

S.L. -... e é um homem de quantos anos hoje, mais ou menos, setenta...?

P.M. -... não, ele é jovem...

S.L. -... então ele...

P.M. -... começou a carreira profissional lá, por isso...

S.L. -... muito, muito garoto mesmo, não é?

P.M. – É, garoto, primeiro emprego dele.

S.L. – Ah, está.

P.M. – Hoje ele deve ter seus sessenta anos, por aí.

S.L. – Bom Regina, o que você acha? porque aí a gente pega esse contato...

P.M. – Você fala com ele agora, se ele puder me atender..., dá um *break*...

R.F. -... mas tem alguém exercendo...

P.M. -... não, está um interino...

S.L. -... é o Aroldo...

P.M. -... Aroldo Lima...

S.L. -... Aroldo Lima...

P.M. -... aliás, levou pau porque eles queriam colocar novamente um funcionário da Petrobrás...

R.F. -... pois é..., como é, Fantine...?

P.M. -... Fantine. Aliás, um cara competente até...

S.L. -... é, José Fantine...

R.F. -... falavam muito bem dele...

P.M. -... ele não gosta de mim particularmente, até hoje eu não sei porque, mas..., ele é um cara competente...

S.L. -... ele era de um movimento sindical, não é? petroleiro...

P.M. -... eu acho que não...

S.L. -... eu tenho a impressão..., se é o Fantine eu tenho a impressão que sim, quer dizer, técnico, mas, ligado a Associação de Engenheiros da Petrobrás, nesse sentido, não é?

P.M. -... General, o senhor sabia que ele teve a pachorra, depois me disseram, e eu não acreditei, como homem do planejamento da Petrobrás, serviço de planejamento, ele escreveu um trabalho: “Administração Paulo Motoki no Departamento Nacional de Combustíveis”, dizendo que eu fui nocivo à Petrobrás, que eu era um homem contra a Petrobrás...

S.L. -... precisamos conhecer esse texto [risos]

R.F. -... a Petrobrás tem essa pressão de todo o pessoal do Conselho Nacional do Petróleo, eles têm essa ideia fixa de que o conselho..., que queriam tomar conta e conseguiu ficar no contra, o pessoal do conselho não era bem visto, não é só você não... [risos]

P.M. -... interessante, não é...?

S.L. – Por que agora eu acho que..., e agora se vocês tiverem um tempo, não tem sentido está gravando, indicação de pessoas para entrevista, então a gente desliga...

R.L. -... queria agradecer...

S.L. -... a gente agradece aí a paciência de vocês...

R.L. -... a disposição, a disponibilidade...

R.F. -... é uma pena o (Dr. Francinatt) não esteja aqui...

P.M. -... é uma pena, a história..., depois eu tive a chance de conviver com ele mais a miúdo, que ele foi o meu sócio no escritório de consultoria, mas era um negócio impressionante, maravilhoso os trabalhos técnicos que ele produzia...

S.L. -... ele teria um arquivo privado...?

P.M. -... não sei...

S.L. -... eu sei, não, mas poderia ter um arquivo, a viúva dele...

R.F. -... ele é solteiro...

S.L. -... dá onde, Rio...?

P.M. -... ele morou aqui em Brasília...

R.F. -... ele era de São Paulo...

S.L. -... morreu aqui em Brasília?

P.M. – Morreu. Morreu quando era o meu sócio no escritório. Não tem não, viu...

S.L. -... não tinha assim um arquivo pessoal...?

P.M. -... ele produziu um trabalho, ele citava a legislação de 1938, você imagina..., um negócio assim..., eu falei: - “Francinatt onde você foi buscar isso aqui?”, ele tinha de memória esse troço todo, era um negócio impressionante.

S.L. – Esses trabalhos dele, Dr. Paulo, o senhor não tem nenhuma cópia, alguma coisa?

P.M. – Eu sou um cara muito relaxado nessas coisas sim, mas eu vou tentar ver se eu tenho...

S.L. -... é porque de repente um ou outro desse trabalho..., que realmente a gente..., como nós colocamos no início, não é? essas entrevistas elas têm muito essa..., porque muitas vezes entrevistas para nós é para precisar dúvidas, no caso desse projeto é para dar informação mesmo, para dar informação original, a primeira informação...

P.M. -... quer ver uma coisa: é tão importante o Conselho Nacional do Petróleo, depois vou até fazer uma confidência aqui: o principal executivo do grupo Ipiranga João Pedro Gouveia Vieira Filho, o pai dele, João Pedro Gouveia Vieira iniciou o menino sendo praticamente um cara que vivia dentro do Conselho Nacional do Petróleo acompanhando os processos de interesse do grupo Ipiranga, ele era praticamente..., um trabalho assim de boy mesmo...

R.L. -... já acostumado...

P.M. -... já acostumado...

R.F. -... ele chegou a presidente do Sidcom...

P.M. -... é presidente atualmente do Sindicato das Distribuidoras, é o atual presidente...

S.L. -... está gravando ainda, não é Regina?

P.M. -... é uma das coisas que vocês deviam buscar, falar com o João Pedro, falar com o Pedro..., Sindicato das Distribuidoras – Sindcom...

S.L. -... nós temos contato lá pelo CPDOC com o pai que morreu há pouco tempo, se eu não me engano, nós tínhamos o contato com o velho João Pedro, não é? E o Sindcom pelo que eu estou entendendo era um interlocutor do CNP, não é...?

P.M. -... muito, muito, até hoje na ANP...

S.L. -... e até hoje na ANP, muito mais do que a Petrobrás...?

P.M. -... muito mais que a Petrobrás, sem dúvida...

S.L. -... não é à toa que tem comércio representado no conselho, não é? e da indústria o representante poderia ser quem? poderia ser de que sindicato?

P.M. – Era da própria Confederação Nacional das Indústrias...

R.F. -... aliás, era aquele de Alagoas, aquela figura...

P.M. -... aquela figura Napoleão, presidente da Federação das Indústrias de Alagoas era o representante...

S.L. -... era o representante...

P.M. -... o último presidente, Napoleão...

R.F. -... uma vez por mês trazia uma caixa de caju, de camarão... [risos]

S.L. -... de produtos regionais...

R.F. -... de produtos regionais, aquela cultura nordestina...

P.M. -... presidente da Confederação das Indústrias de Alagoas...

S.L. -... que se baseia nela pela CNI, pela CNI e o representante era pelo CNC?

P.M. -... pela Confederação Nacional do Comércio...

S.L. -... quer dizer, o Sindcom na verdade não tinha um representante do sindicato...?

P.M. -... não, não.

R.F. – Mas ele vivia lá...

P.M. -... direto...

R.F. -... vivia lá e era um sujeito íntegro, ele queria conservar aquela..., aquilo fechado para ninguém mais entrar, mas...

S.L. -... sei, sei...

P.M. -... General sabe que não tempo infelizmente, mas eu ia dar uma fechadinha, eu achava que devia dar uma fechadinha...

R.F. -... não é? abriram, escancararam...

P.M. -... eu acho que dá para você manter liberdade de mercado e tudo mais, mas com um certo cuidado até para benefício do próprio consumidor, que se deixa qualquer picareta assumir um negócio desse é complicado, não é assim...

R.F. -... é o que está acontecendo...

S.L. -... Dr. Paulo pelo peso que tinha o DNC, o senhor estava com muito pouco..., estava com pouco poder para..., ou o senhor achava que...

P.M. -... mas dava, dava, dava bem, dava bem, dá para fazer, foi uma coisa que eu aprendi com o Delfim, esse negócio de poder às vezes não é estrutura não, é vontade de trabalhar, vontade de fazer e você acaba fazendo...

S.L. -... e contatos também, não é...?

P.M. -... mas a gente tinha uma afinidade muito grande com o Ministro Malan, porque ele dependia de preços, então a gente tinha através do Ministério da Fazenda uma possibilidade grande...

S.L. -... mas o senhor não tinha acesso direto ao Ministro Malan, não é...?

P.M. -... tinha reuniões, às vezes, com o Ministro Malan, muito raro, mas tinha. Na verdade o contato era com a área de preços mesmo, secretaria de acompanhamento econômico.

[FIM DO DEPOIMENTO]